

M. J. ARLIDGE

UNI-
DUINI
TÉ

Tradução de
Maurette Brandt

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016

I

Sam está dormindo. Eu poderia matá-lo agora. O rosto dele não está virado para mim; não seria difícil. Será que ele vai perceber se eu me mover? Vai tentar me impedir? Ou vai ficar apenas *feliz* por este pesadelo terminar?

Não posso pensar assim. Preciso tentar me lembrar do que é real, do que é bom. Mas, quando se é um prisioneiro, os dias parecem não ter fim, e a esperança é a primeira que morre.

Vasculho minha mente em busca de lembranças boas para afastar os pensamentos ruins, mas é cada vez mais difícil trazê-las à tona.

Estamos aqui há apenas dez dias (ou serão 11?) e, no entanto, a chamada “vida normal” já parece uma lembrança remota. Estávamos pedindo carona depois de um show em Londres quando aconteceu. Chovia a cântaros, e vários carros passaram, mas os motoristas fingiam não nos ver. Estávamos ensopados até os ossos e quase desistindo, quando finalmente uma van parou. Lá dentro estava quente e seco; nos foi oferecido café de uma garrafa. Só o cheiro bastou para nos animar. O gosto estava melhor ainda. Não fazíamos ideia de que aquele seria nosso último gostinho de liberdade.

Quando acordei, minha cabeça latejava. Minha boca estava coberta de sangue. E não estava mais na van quentinha, e sim num lugar frio e escuro. Estaria sonhando? Um barulho atrás de mim me despertou completamente, mas era apenas Sam tentando ficar de pé.

Tínhamos sido roubados. Roubados e descartados. Comecei a me arrastar com dificuldade, agarrada às paredes que nos enclausuravam. Azulejos frios e duros. Esbarrei em Sam e, por um breve momento, eu o abracei, sentindo aquele cheiro que tanto amo. Mas aquele momento passou e nos demos conta de todo o horror de nossa situação.

Estávamos em uma enorme piscina que há muito não era usada, abandonada, renegada. Já não tinha mais os trampolins, a sinalização nem mesmo as escadas. Tinham pilhado tudo que podia ser carregado; restava apenas um tanque fundo e liso, do qual era impossível sair.

Será que aquele demônio de merda estava ouvindo nossos gritos? Provavelmente sim, porque, quando finalmente paramos de gritar, aconteceu. Ouvimos um celular tocando e, por um breve e glorioso instante, pensamos que era alguém vindo nos resgatar. Mas, em seguida, vimos a tela do telefone iluminando o fundo da piscina, ao nosso lado. Sam não se moveu, então corri para atender. Por que tinha de ser eu? Por que *sempre* tem de ser eu?

— Olá, Amy.

A voz do outro lado era distorcida, inumana. Eu quis implorar por misericórdia, explicar que haviam cometido um erro terrível, mas o fato de saberem meu nome pareceu acabar com qualquer convicção que eu pudesse ter. Fiquei calada, e a voz continuou, implacável e fria:

— Você quer viver?

— Quem é você? O que fez com a gen...

— Você quer viver?

Por um momento, não consigo responder. Minha língua não se move. Mas, logo depois...

— Quero.

— No chão, ao lado do celular, tem uma pistola. Está carregada com uma única bala. Para Sam ou para você. Este é o preço da sua liberdade. Para viver, precisa matar. Você quer viver, Amy?

Não consigo falar. Tenho vontade de vomitar.

— E então, quer ou não quer?

Em seguida o telefone fica mudo. E Sam pergunta:

— O que foi que disseram?

Sam está dormindo ao meu lado. Eu poderia acabar com isso agora.

2

A mulher gritava de dor. E depois ficava quieta. Linhas arroxeadas se formavam ao longo de suas costas. Jake ergueu novamente a chibata, fazendo-a descer com um estalo. A mulher deu um pinote, gritou e depois falou:

— De novo.

Raramente dizia algo além disso. Não era muito falante. Não como algumas de suas clientes. As gerentes, contadoras e escriturárias presas em relacionamentos sem sexo estavam sempre *loucas* para falar — loucas para ser apreciadas pelo homem que batia nelas por dinheiro. Esta era diferente; um livro fechado. Nunca contou como o encontrou. Ou por que vinha. Dava suas instruções — suas necessidades — de forma clara e ríspida, e em seguida o mandava ir em frente.

Ele sempre começava prendendo os pulsos dela. Duas tiras de couro com tachinhas, bem-esticadas, de modo que os braços dela ficavam acorrentados à parede. Dois grilhões de ferro prendiam seus pés ao chão. As roupas estavam cuidadosamente arrumadas em uma cadeira. E lá estava ela, acorrentada, só com as roupas íntimas, esperando pela punição.

Não havia nenhuma performance; nada de “Por favor, não me machuque, papai”, nem “Sou uma menina muito, muito má”. Ela só queria que ele a machucasse. De certa forma, era um alívio. Todo trabalho vira rotina depois de algum tempo — e às vezes era bom não ter de satisfazer as fantasias de gente patética se fazendo de vítima. Ao mesmo tempo, era frustrante a recusa dela em ter um relacionamento normal com ele. O elemento mais importante em qualquer encontro sadomasoquista é a confiança. O submisso precisa saber que está em segurança; que seu dominador conhece a personalidade daquele a quem comanda, assim como suas necessidades,

e que pode oferecer uma experiência gratificante, confortável para ambas as partes. Se não há essa confiança, acaba se tornando agressão, ou mesmo abuso — e essa *não era*, definitivamente, a praia de Jake.

Então ele ia tateando — uma pergunta aqui, um comentário ali. E, com o tempo, foi adivinhando o básico: a mulher não era de Southampton, não tinha família, estava chegando aos 40 e isso não a incomodava. Deduziu, a partir das sessões, que o negócio dela era a dor. O sexo não entrava na história; ela não queria ser estimulada ou excitada, queria ser punida. As pancadas nunca iam muito longe, mas eram fortes e incansáveis. A mulher tinha corpo para aguentar: era alta, musculosa e bastante forte. E algumas cicatrizes sugeriam que não era uma novata no universo sadomasoquista.

No entanto, com todas as suas sondagens e perguntas escolhidas com critério, só havia uma coisa que Jake sabia com certeza sobre ela. Uma vez, enquanto se vestia, o crachá com uma foto dela escorregou do bolso da jaqueta e caiu no chão. A mulher o pegou depressa; pensou que Jake não tinha visto, mas estava enganada. Jake achava que entendia um pouco as pessoas, mas aquela mulher o surpreendera totalmente. Se não tivesse visto o crachá, jamais teria imaginado que era policial.

3

Amy está de cócoras, a poucos centímetros de mim. Não há mais constrangimento agora; ela urina no chão sem pudores. Observo o fio fino de urina que escorre nos azulejos; minúsculas gotinhas batem e voltam, atingindo seus tênis sujos. Há algumas semanas eu viraria o rosto diante de uma cena dessas, mas não agora.

A urina dela serpenteia devagar pelo chão e desce até chegar à poça de dejetos que se formou na parte mais funda. Estou vidrado em seu progresso, mas finalmente as últimas gotas desaparecem e a distração acaba. Amy volta para o seu canto. Nenhum pedido de desculpas, nenhum comentário. Viramos animais — indiferentes a nós mesmos e indiferentes um ao outro.

Mas não foi sempre assim. Inicialmente estávamos furiosos, desafiadores. Estávamos determinados a não morrer aqui, a sobreviver juntos. Amy subia em meus ombros e acabava quebrando as unhas que se agarravam aos azulejos, fazendo de tudo para chegar à beira da piscina. Quando isso não funcionou, tentou pular dos meus ombros. Mas a piscina tem 4,5 metros de profundidade, talvez mais, e a salvação nos parece simplesmente fora de alcance.

Tentamos usar o telefone, mas estava bloqueado e, após tentarmos algumas combinações, a bateria acabou. Gritamos e berramos até nossas gargantas ficarem destruídas. Tudo o que ouvimos em resposta foi nosso próprio eco, zombando de nós. Às vezes parece que estamos em outro planeta, sem qualquer ser humano à vista em quilômetros. O Natal está chegando; alguém deve estar nos procurando, mas é difícil acreditar nisso quando se está preso em um lugar desses, cercado por esse silêncio terrível e constante.

Fugir não é uma opção, então agora nós simplesmente sobrevivemos. Roemos as unhas até os dedos sangrarem, depois sugamos o sangue avidamente. Lambemos o orvalho sobre os azulejos de

madrugada, mas ainda assim nossos estômagos doíam. Falamos até em comer nossas roupas, mas desistimos. À noite isso aqui congela, e o que nos impede de morrer por hipotermia é nossa pouca roupa e o calor que absorvemos um do outro.

Seria minha imaginação ou nossos abraços agora são menos quentes? Menos fortes? Desde que tudo aconteceu, nos agarramos um ao outro dia e noite, um desejando a sobrevivência do outro, cada um com medo de ficar sozinho nesse lugar horrível. Inventamos jogos para passar o tempo, imaginando o que fazer depois que o socorro chegar — o que vamos comer, o que diremos às nossas famílias, o que vamos ganhar no Natal. Mas essas brincadeiras foram ficando cada vez menos frequentes à medida que nos demos conta de que fomos trazidos para cá com um objetivo, e que não haverá um final feliz para nós.

— Amy?

Silêncio.

— Amy, por favor, fale alguma coisa.

Amy não olha para mim. Não fala comigo. Será que eu a perdi para sempre? Tento imaginar o que ela está pensando, mas não consigo.

Talvez não haja mais nada a dizer. Tentamos tudo, exploramos cada milímetro de nossa prisão, à procura de um jeito de fugir. A única coisa na qual não tocamos foi a pistola. Ainda está lá, imóvel, nos chamando.

Levanto a cabeça e vejo Amy olhando para ela. Seu olhar encontra o meu e então ela o desvia. Será que ela pegaria a arma? Há algumas noites eu diria que de jeito nenhum. Mas, agora? A confiança é algo frágil — difícil de conquistar, fácil de perder. Não tenho mais certeza de nada.

A única coisa que sei é que um de nós vai morrer.

4

Ao sair para o ar fresco da noite, Helen Grace se sentia leve e feliz. Diminuiu o passo e saboreou aquele momento de paz, achando graça da multidão em torno dela, que lotava as lojas.

Estava a caminho da Feira de Natal de Southampton, que se estendia ao longo da parte sul do centro comercial de WestQuay. Era um evento anual — uma oportunidade para comprar presentes originais, feitos à mão, que não figuravam em nenhuma lista de desejos da Amazon. Helen odiava o Natal, mas, todos os anos, sem exceção, comprava alguma coisa para Anna e Marie. Era seu único ato festivo e ela sempre caprichava. Comprou bijuterias, velas perfumadas e outras quinquilharias, e também não economizou nos comestíveis: levou tâmaras, chocolates, um pudim de Natal por um preço obscuro e uma bela caixa de chocolate com menta, a iguaria predileta de Marie.

Pegou sua Kawasaki no estacionamento de WestQuay e atravessou rapidamente o trânsito do centro da cidade em direção a Weston, que ficava a sudoeste. Afastava-se da alegria e da riqueza e seguia rumo à privação e à desesperança, vítima da atração inexorável exercida por cinco blocos monolíticos de torres que se destacavam na paisagem local. Há anos esses blocos saúdam quem chega a Southampton pelo mar. No passado faziam jus a essa honra: eram imponentes, modernos e otimistas. Mas, agora, a história era bem diferente.

Melbourne Tower era de longe o mais dilapidado. Há quatro anos uma fábrica ilegal de drogas explodiu no sexto andar. O estrago foi grande; praticamente destruiu o prédio. O conselho municipal prometeu reconstruí-lo, mas a recessão enterrou esses planos. Ainda estava tecnicamente escalado para uma restauração, mas agora ninguém acreditava que isso iria acontecer. Então o prédio

continuava do mesmo jeito, destruído e malcuidado, abandonado pela grande maioria das famílias que havia morado ali. Agora era território de viciados, invasores e pessoas que não tinham para onde ir. Era um lugar sórdido, esquecido.

Helen estacionou sua moto a uma distância segura das torres e seguiu a pé. Em geral, as mulheres não costumavam caminhar por ali sozinhas à noite, mas Helen nunca se preocupou com sua segurança. Era conhecida na região, e as pessoas tendiam a manter distância, o que era conveniente para ela. Estava tudo calmo naquela noite, com exceção de alguns cães que xeretavam um carro queimado. Então Helen abriu caminho em meio às seringas e camisinhas e entrou na Melbourne Tower.

No quarto andar, parou na porta que indicava 408. O lugar havia sido um apartamento simpático e confortável, mas agora parecia o Fort Knox. A porta estava coberta de trancas, porém o mais perturbador eram as grades — firmemente trancadas com cadeados — que reforçavam a entrada principal. A repulsiva pichação que cobria a porta do lado de fora — *idiota, retardada, mongol* — dava uma pista da razão pela qual o apartamento era tão protegido.

Ali viviam Marie e Anna Storey, mãe e filha. Anna era completamente incapacitada; não falava, não tinha condições de se alimentar nem de fazer suas necessidades sozinha. Tinha 14 anos agora e dependia da mãe, uma mulher de meia-idade, para tudo. Marie, sua mãe, fazia o melhor que podia. Vivia de caridade e de doações; fazia compras na Lidl e economizava no aquecimento. Estavam bem assim; afinal, era a vida que lhes cabia, e Marie não era propensa à amargura. O problema eram os arruaceiros da região. O fato de não terem nada para fazer e de virem de famílias desestruturadas não era desculpa. Aqueles moleques eram delinquentes, que gostavam de humilhar, intimidar e atacar pessoas vulneráveis, como uma mãe e sua filha.

Helen sabia de tudo isso porque tinha um interesse especial pelas duas. Um dos vagabundos — Steven Green, um viciado com a cara coberta de espinhas, que havia abandonado a escola — tinha

tentado colocar fogo no apartamento delas. Os bombeiros chegaram a tempo, e os danos ficaram restritos ao hall e ao quarto da frente, mas o efeito sobre Marie e Anna tinha sido devastador. As duas estavam absolutamente aterrorizadas quando Helen as interrogou. Aquilo era tentativa de homicídio, e alguém deveria ser responsabilizado. A policial fez o máximo que pôde, mas o caso nunca foi a julgamento, por falta de provas. Helen fez de tudo para que elas se mudassem, mas Marie era teimosa. O apartamento era a residência da família e tinha sido preparado para atender às limitações de mobilidade de Anna. Por que elas deveriam sair dali? Marie vendeu tudo de valor que ainda possuía para investir na segurança do apartamento. Quatro anos depois, a fábrica de drogas que funcionava no prédio explodiu. Antes disso, o elevador funcionava e o apartamento 408 era basicamente um lar feliz. Agora era uma prisão.

O Serviço Social deveria, supostamente, visitá-las regularmente, para ficar de olho nelas, mas o pessoal evitava aquele lugar como quem foge da peste, e as visitas, na melhor das hipóteses, eram rapidíssimas. Então Helen, que tinha pouco a fazer em casa à noite, costumava aparecer por lá. Foi por isso que estava lá quando Steven Green e companhia voltaram para terminar o serviço. O sujeito estava chapado como sempre e segurava uma lata de gasolina. Ele tentara colocar fogo no apartamento com um rastilho caseiro. Só que não teve nem chance. O cassetete de Helen o atingiu no ombro, depois cruzou o pescoço e o fez esborrachar-se no chão. Os outros caras que estavam com ele foram pegos de surpresa pela súbita aparição de uma policial, então largaram suas respectivas bombas e correram. Alguns conseguiram escapar, outros não. Helen tinha sido bem treinada nas técnicas de puxar o tapete de suspeitos em fuga. Estragou o ataque deles e, não muito tempo depois, teve o grande prazer de ver Steven Green e três de seus amigos mais próximos sentenciados a uma pena considerável na prisão. Algumas vezes seu trabalho rendia boas recompensas.

Helen conteve um arrepio. Os corredores sujos, as vidas partidas, as pichações e a sujeira lembravam demais o ambiente em que ela própria fora criada; era impossível aquilo tudo não lhe provocar

alguma reação. Evocava lembranças que ela lutara com todas as forças para reprimir, e que agora empurrava com mais força ainda para o fundo de sua memória. Estava ali por causa de Marie e de Anna — e se recusava a deixar que alguma coisa afetasse seu ânimo naquele dia.

Bateu na porta três vezes — era o código secreto delas — e, após muitas trancas abertas, a porta se abriu.

— Olha o sopão da madrugada! — brincou Helen.

— Vai te catar! — veio a resposta previsível.

Helen sorriu enquanto Marie abria a grade externa para deixá-la entrar. Seus pensamentos sombrios já estavam se acalmando; a acolhida “calorosa” de Marie sempre tinha esse efeito sobre ela. Uma vez lá dentro, Helen distribuiu os presentes, recebeu os seus e se sentiu completamente em paz. Por um breve momento, o apartamento 408 era seu santuário, em meio a um mundo escuro e violento.